

# “Os filhos da coruja” de Graciliano Ramos: pedagogia da autonomia em fábula inédita do autor de *Vidas secas*

[“Os filhos da coruja” by Graciliano Ramos: pedagogy of autonomy in an unpublished fable by the author of *Vidas secas*

Thiago Mio Salla<sup>1</sup>

**RESUMO** • O presente ensaio toma como objeto o manuscrito recém-descoberto “Os filhos da coruja”, datado de 1923 e assinado por J. Calisto, um dos pseudônimos empregados por Graciliano Ramos. Trata-se de uma narrativa em versos que reconta uma fábula recolhida pelo celebrado escritor francês La Fontaine. Depois de abordar a materialidade do documento, recuperar a tradição de publicação dessa história no Brasil e tecer considerações a respeito da alcunha utilizada pelo autor alagoano, o artigo se vale de dados da biografia e da obra dele para lançar hipótese interpretativa sobre o texto em diálogo com proposta de Paulo Freire. • **PALAVRAS-CHAVE** • Graciliano Ramos; La Fontaine; Paulo Freire. •

**ABSTRACT** • This essay focuses on the recently discovered manuscript “Os filhos da coruja” (“The children of the owl”), dated of 1923 and signed by J. Calisto, one of the pseudonyms used by Graciliano Ramos. It is a narrative in verse that retells a fable collected by the celebrated French writer La Fontaine. After analyse the materiality of the document, recovering the tradition of publishing this story in Brazil and making considerations about the *nom de plume* used by Graciliano Ramos, this article uses data from his biography and work to present an interpretative hypothesis about the text in dialogue with Paulo Freire’s proposal. • **KEYWORDS** • Graciliano Ramos; La Fontaine; Paulo Freire.

Recebido em 30 de maio de 2024

Aprovado em 15 de junho de 2024

SALLA, Thiago Mio. “Os filhos da coruja” de Graciliano Ramos: pedagogia da autonomia em fábula inédita do autor de *Vidas secas*. *Rev. Inst. Estud. Bras.* (São Paulo), n. 88, 2024, e10699.



Seção: Documentação

DOI: 10.11606/2316901X.n88.2024.e10699

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

O livro *Os filhos da coruja* (RAMOS, 2024) publicado pelo selo Baião da editora paulistana Todavia tem como base um poema de mesmo nome escrito à mão, datado de 5 de setembro de 1923 e assinado por um tal de J. Calisto. No Fundo Graciliano Ramos guardado pelo Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), o documento enquadrava-se na categoria “Manuscritos recebidos de autores não identificados” e, nessa condição, passou ao largo de outros estudiosos do autor. Na verdade, J. Calisto foi um dos muitos pseudônimos que Graciliano Ramos (1892-1953) utilizou principalmente no início de sua trajetória literária para encobrir sua autoria<sup>2</sup>.

No princípio de tal jornada, valia-se desse expediente para assinar poemas e crônicas que encaminhava a jornais e revistas do Rio de Janeiro e de Alagoas. Fez isso desde 1907 (quando tinha apenas 15 anos de idade e, sob influência parnasiana, enviou um poema para o semanário carioca *O Malho*) até a década de 1930, pouco antes de publicar seu romance de estreia *Caetés* (1933)<sup>3</sup>. Entre os nomes que empregava para disfarçar-se estava o de J. Calisto (ocasionalmente abreviado para J. C.), que aparece pela primeira apenas vez no começo dos anos 1920, nas páginas do jornal *O Índio*, de Palmeira dos Índios, como responsável, sobretudo, por uma seção intitulada Traços a Esmo. Por meio dessa alcunha, Graciliano constrói a figura de um cronista irônico e sarcástico que se sobrepõe às personagens e aos fatos apresentados. Preocupava-se mais com a captação das práticas sociais em seus aspectos mais corriqueiros, tais como alguns incidentes do cotidiano, a descrição de certos tipos culturais e o questionamento debochado de grandes instituições da sociedade (Igreja, Política, Justiça, Pátria).

Em certa medida, ele não seria apenas um pseudônimo, mas uma personagem criada pelo escritor para entrar em contato com o leitor e cativá-lo. Trata-se de um observador sociocultural que assume uma postura superior aos que leem, sem deixar de incorporar elementos de uso comum destes. Vive constantemente essa relação dialética: ao mesmo tempo que se distancia, apresenta traços do próprio cotidiano dos leitores para que eles se aproximem de seu relato. O uso de uma linguagem ágil, marcada pela oralidade, é mostra dessa aproximação. Sua sintaxe oscilava entre a descontração da fala, próxima da conversa entre duas pessoas, e a correção própria da norma culta. No entanto, praticava, ao mesmo tempo, o discurso irônico como forma de argumentação e reflexão, buscando a convivência do destinatário em novas leituras de velhos episódios. Tal opção causava dúvidas, gerava polêmicas, questionava outros discursos amplamente disseminados no corpo social como verdades incontestáveis, exigindo uma postura ativa dos receptores.

Ainda quanto à biografia do escritor, no princípio da década de 1920 Graciliano havia perdido sua primeira esposa, Maria Augusta Ramos, que morreu em 23 de novembro de

---

2 Os livros póstumos *Linhas tortas* (1962), *Viventes das Alagoas* (1962) e *Garranchos* (2012) trazem juntos quinze crônicas nas quais Graciliano Ramos utiliza o pseudônimo J. Calisto (ou as iniciais J. C.). São treze textos no primeiro, um no segundo e um no terceiro.

3 Entre os pseudônimos utilizados por Graciliano ao longo desse período, podem-se listar: Feliciano de Olivença, Feliciano Olivença, Almeida Cunha, S. de Almeida Cunha, Soeiro Lobato, Manoel Maria Soeiro Lobato, X, Anastácio Anacleto, Lúcio Guedes. Vale-se também das abreviaturas G. R. e R. O. (esta última uma redução de seus sobrenomes “Ramos de Oliveira”).

1920, vítima de complicações no parto ao dar à luz a quarta criança do casal, batizada de Maria Augusta em homenagem à mãe. Assim, quando escreveu “Os filhos da coruja”, viúvo, Graciliano se via às voltas com quatro filhos pequenos. Além da referida menina, três meninos: Márcio, Júnio e Múcio<sup>4</sup>, prestes a completarem, respectivamente, 7, 6 e 4 anos. Todos aniversariantes no mês de setembro. Tais elementos levam à hipótese de que as três corujas no oco da árvore mencionadas no texto remeteriam alegoricamente a seus três filhos e de que o autor escreveu o texto dirigindo-se de início a eles – de modo análogo ao que observamos, por exemplo, em obras canônicas da literatura infantojuvenil como *João Felpudo* (HOFFMANN, 2011) e *Alice no país das maravilhas* (CARROLL, 2013) –, e não a um público virtual<sup>5</sup>. Daí o título do poema fazer referência aos filhos da coruja, e não aos protagonistas de fato da fábula: a coruja e o gavião.

Do ponto de vista material, o manuscrito compreende duas tiras de papel pautado, com dimensões de 34 cm de altura e 14,5 cm de largura, cada uma delas contendo 32 linhas. O texto é escrito com caneta tinteiro preta. Verticalmente, as páginas apresentam uma dobra ao meio e, horizontalmente, outras três dobras, que, de modo proporcional, demarcam quatro partes iguais. Ao verso da segunda tira, em tinta azul, registra-se um nome e um endereço: “Carlos Arco-Verde / Rua Espírito Santo – 8 / S. Paulo”. Quer pelos vincos que sinalizam a redução do papel de modo a que ele coubesse possivelmente em um envelope, quer pela explicitação de um destinatário, quer pelo registro de assinatura (ainda que com pseudônimo) e data ao final do documento, quer pelos erros apenas pontuais de transcrição, pode-se supor que se trata de uma cópia mais bem acabada encaminhada a alguém para uma possível publicação. Não se sabe ao certo quem é esse alguém<sup>6</sup>, e não há registro de que o texto tenha sido efetivamente publicizado<sup>7</sup>.

---

4 O primeiro nasceu em 14 de setembro de 1916; o segundo em 13 de setembro de 1917; e o terceiro em 29 de setembro de 1919.

5 Devo tal sugestão a Isabella Mimura Sato, estudiosa dedicada à literatura infantojuvenil e *master of arts* na Universidade Georg-August Göttingen.

6 De acordo com mapa da cidade de São Paulo de 1924, a rua Espírito Santo ficava na Aclimação, bairro nascido no século XX a partir do loteamento de antigas chácaras e fazendas. Não há nenhum registro, quer na correspondência ativa, quer na correspondência passiva de Graciliano, de cartas trocadas com um tal “Carlos Arco-Verde”. Localizou-se apenas uma missiva sem data (mas provavelmente de 1939) enviada a Moacir Arcoverde, então secretário de divulgação e propaganda do Partido Comunista do Brasil do Paraná e sócio da editora Guaíra, de Curitiba. No livro *Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios* (LIMA, 2013, p. 193), todavia, encontra-se a referência ao engenheiro prático Carlos Cavalcanti Arcoverde, responsável por realizar os estudos para estrada de rodagem que ligaria Palmeira dos Índios a Santana do Ipanema, um dos marcos da gestão do escritor à frente da prefeitura palmeirense no final dos anos 1920.

7 Curiosamente, em número da revista *Fon Fon* de 7 de abril de 1923, encontra-se um texto também intitulado “Os filhos da coruja”, mas assinado com as iniciais J. N. Em mais essa adaptação da fábula de La Fontaine, tem-se o diálogo entre uma mãe coruja, desejosa de proteger seus filhos, e uma cascavel, que levada a erro os devorará.

Os filhos da Coruja

A Camadre Coruja encontrou certo dia  
 O compadre Jaciã.

Entre o dois existia uma vaga amizade,  
 Porque a Coruja <sup>um filho,</sup> ~~era~~ enchendo de vaidade,  
 Levava ~~um filho~~ a pin  
~~depois de muito suspirar.~~

---

Ai velho, gritou logo:  
 - "Oh! meu bello compadre!  
 Que magnificos este! Tão fabroso e gentil!  
 Que optimos cores!  
 Que vestros tão forte - Tracy de innumeros espaços  
 A terra oscura e vil,  
 Que a arte aconcenta os bichos inferiores?  
 Apreta que parece alguma festa."  
 - "Não."  
 Você a sabe, camadre?  
 Dize, <sup>estacionado</sup> ~~estacionado~~ uma vaga, o compadre Jaciã.  
 Aquella lá por cima ha umid que anda ossoas.  
 Uma secca geral. É' pairar que o Nordeste.  
 Não ha coisa comivel,  
 E eu tenho - você sabe - o appetite terrivel.  
 Sendo a estagão imprata  
 Quando um frouxando o ar caça que proctae,  
 A gente vai caçar a mata."  
 "Onde a mata? Pô. meu Jaciã! Não me dá umid de."  
 Eu moro aqui assim por estas bandas. Tanto  
 Os trapuzes me mata ... e não, longa de mim ...  
 Não me dá comida, peitor. Você conhece-o? Não?  
 É' facil conhecer. Por estas arredores  
 Não ha outros assim.  
 São popeminos,  
 Sintos como uns amores.  
 É' um ovo de pau que eu moro, um adorado.

Mãe não é como, valeu?"

— "Valeu, comadre. E então?"

Pois eu sou lá rapaz de comer - Vê se mecumos?

Você sabe que eu vou.

Famos sempre."

"Este bem, sempre, diga."

— "Lindo, hein?"

— "De encantar. Meu Deus! de ouro vivo!"

É um ovo de pau, não sei se disse."

— "Fize."

Pode estar decegada.

Até mais logo. Adaus."

— "Lui, senhor. Parece bem. De lembranças aos seus."

O Grande foi a mata. E os primeiros viventes

huc por lá se encontram

foram tres animas mundulos, pelados,

feios como os peccados.

Tres behêtoes repallantes.

Matos, fumeiros, e bico agudo,

Paria, espicagou, ~~matos~~ e traicinhous,

foz um jada, os todos.

Womem que me occultate

Ênd vós que tua alma é fragumira e feia;

Tua imagina, vados, um ficticio aonde este

Entre a belloga della e a fealdade athenia;

Huc em vós tentas deostrar a modra que te enja

E bucos transformar tua vicia em virtudes:

~~mas~~ como te illases!

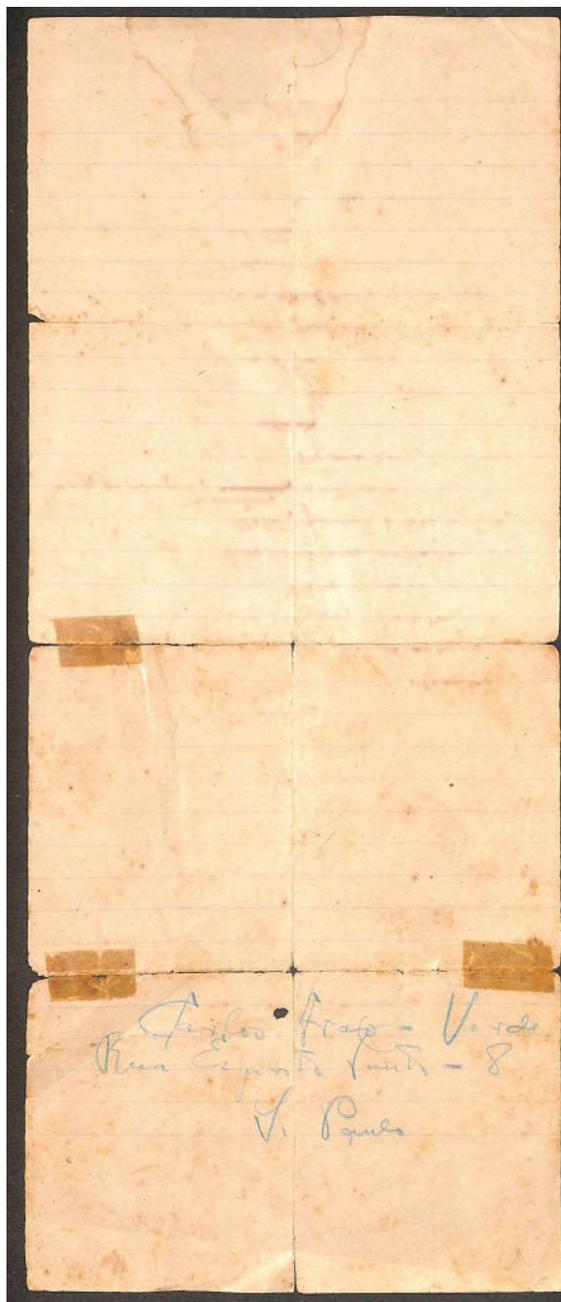
Fi que te expões!

— Tu és sempre coruja

E os outros homens são favoritos.

5. Setembro. 1923

J. Galvão



**Figura 1** – Reprodução do manuscrito de “Os filhos da coruja”, documento composto de duas páginas (a terceira imagem corresponde ao verso da página 2). O documento se encontra no Fundo Graciliano Ramos do Arquivo do IEB/USP, código de referência GR-MT-04

## LA FONTAINE À BRASILEIRA

Com “Os filhos da coruja”, Graciliano estabelece diálogo vivo com as tradições europeias do gênero fábula, mediante o gesto de recontar uma narrativa recolhida pelo celebrado escritor francês La Fontaine, intitulada “A águia e o mocho” (“L’aigle et le hibou”). No texto, as aves decidem pôr fim à guerra suja que travavam e se comprometem a não mais devorar os filhotes uma da outra. Para evitar descumprir o prometido, a águia pede que a coruja lhe descreva suas crias, pois, se as encontrasse em sua caçada, iria poupá-las. A mãe coruja faz uma descrição idealizada de seus filhos, que se destacariam pela beleza, penugem vistosa e voz doce. A águia, ao se deparar com bichos medonhos, de penas pardas e gritos assustadores, come-os. Ao fim, a coruja escuta de um amigo: “Tu pintaste um retrato que não corresponde, de fato, a filhotes de mocho; assim, não atribuas culpas a outrem. Se as há, são tuas!” (LA FONTAINE, 1989, p. 342).

No Brasil, o texto teria originado a expressão “mãe coruja”, em referência ao caráter superprotetor da figura materna. Por aqui, ainda, essa fábula já havia ganhado suas próprias versões nas penas de Justiniano José da Rocha, em *Coleção de fábulas imitadas de Esopo e de La Fontaine* (1875), e de Monteiro Lobato, em *Fábulas de Narizinho* (1921) e, depois, tão somente *Fábulas* (1922). As propostas de ambos os autores apresentam um encaminhamento narrativo similar ao texto de La Fontaine, com algumas particularidades que também os aproximam. Justiniano José da Rocha nomeia seu texto como “A coruja e seus filhos”, especifica que são apenas dois filhotes e apresenta a moralidade em termos gerais, sem culpabilizar diretamente a coruja: “A ternura materna não vê as imperfeições dos filhos, e substitui-lhes belezas e graças que lhes negara a natureza” (ROCHA, 1875). Na versão de Lobato, cujo título “A coruja e a águia” inverte a ordem dos animais em relação ao original francês, ele detalha que são três corujinhas feias devoradas pela águia, bem como tece considerações mais amplas sobre a paternidade e o olhar parcial em relação à prole: “Para retrato de filho ninguém acredite em pintor pai. Lá diz o ditado: quem o feio ama bonito lhe parece” (LOBATO, 1921).

A partir da oitava edição de *Fábulas*, publicada em 1943, Lobato promoveu mudanças na obra de modo a nela incluir as personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Com essa reformulação, Dona Benta passa a ocupar o posto de narradora das histórias, enquanto outras figuras (Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde de Sabugosa e Tia Nastácia) tecem comentários sobre elas. No caso de “A coruja e a águia”, Narizinho avalia que tal narrativa se destacava como a rainha do gênero fábula. “Nada mais verdadeiro. Para os pais os filhos são sempre uma beleza, nem que sejam feios como os filhos da coruja” (LOBATO, 1960, p. 16). Dona Benta amplia o escopo da moralidade do texto para a própria produção artística: “Os escritores acham ótimas todas as coisas que escrevem, por piores que sejam. Quando um pintor pinta um quadro, para ele o quadro é sempre bonitinho. Tudo quanto nós fazemos é ‘filho de coruja’” (LOBATO, 1960, p. 16).

## FÁBULA GRACILIANA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Graciliano divide *Os filhos da coruja* em quatro blocos: no primeiro e no terceiro (cada um com, respectivamente, seis e oito versos), temos um narrador em terceira pessoa que narra e descreve; no segundo, mais longo (40 versos no total), toma lugar o diálogo entre a coruja e o gavião; no último (com dez versos), expõe-se a moral da história. Nessa parte, a frase “Homem que me escutaste”, ao evocar não uma criança, apela para a maturidade dos leitores ao mesmo tempo que vincula de modo explícito a história à tradição oral.

À moda de La Fontaine, produz um poema fabular de métrica variada, com esquemas de rimas também oscilantes, no qual se observa uma profusão de *enjambements*. Em termos estruturais, o poema apresenta recuos e alinhamentos irregulares, ora à direita, ora à esquerda, com os versos indo até quase o limite de ambos os lados da tira de papel em que foram manuscritos. Além de sinalizar oposições, tal expediente faz com o que nosso olhar oscile entre as extremidades da página, levando a uma leitura de ritmo mais sincopado, aparentemente dissonante, cujo andamento pode se acelerar ou se retardar.

Percebe-se que, quer quanto à forma, quer quanto ao conteúdo, Graciliano mantém o caráter fabular do texto, com destaque para a presença de animais antropomorfizados, narrativa curta, condensada, versos irregulares, apelo à oralidade e, ao fim, emprego do epítio. Por outro lado, fugindo daquilo que era comum, não utiliza os nomes dos protagonistas no título, mas tão somente se refere às vítimas da ação funesta, as quais são especificadas por sua filiação, e confere um tom local, abasileirado, à narrativa, com destaque para menções ao Nordeste e à seca. Num crescente, ao final, a moralidade destoa por completo das versões anteriores. Deixa-se de lado a figura da “mãe coruja” e prioriza-se uma lição de vida voltada a todos aqueles que mentem para si mesmos, iludem-se e transformam vícios em virtudes. O narrador destila a ideia de que todos temos de olhar criticamente para nossos próprios defeitos, nos libertarmos da falsa proteção das asas maternas, pois caso contrário seremos presas fáceis (indefesos filhotes de coruja) diante de outros homens (gaviões com seus bicos e garras). Portanto, transmite um ensinamento que visa a promover, sobretudo, conscientização e autonomia: no mundo não caberiam idealizações, e o gavião, sempre à espreita, determinaria a necessidade de maior atenção, desconfiança e cuidado em nossas ações. Faz lembrar os versos de João Cabral de Melo Neto, em poema no qual este tematiza a “poesia do menos” de Graciliano Ramos:

Falo somente por quem falo:  
por quem existe nesses climas  
condicionados pelo sol,  
pelo gavião e outras rapinas.  
(MELO NETO, 1994, p. 311-312).

Se a imagem do gavião sempre de tocaia é mobilizada pelo poeta de *Morte e vida severina* para tratar da literatura empenhada e altamente elaborada de

Graciliano, a coruja tem um papel-chave numa das obras mais aclamadas do escritor alagoano. Em *S. Bernardo* (1934), o pio dessa ave aninhada na torre da igreja aparece como elemento desencadeador do processo narrativo feito em primeira pessoa por Paulo Honório, protagonista amargurado e derrotado, depois da morte da esposa. Ele considera a ave amaldiçoada, portadora de desgraças (RAMOS, 1934, p. 180)<sup>8</sup>. Por outro lado, tendo em vista a simbologia de sabedoria colada ao animal, a coruja, com seu olhar de espectadora noturna, mais próxima ao chão (o contrário da perspectiva aquilina do gavião que, do alto, abrange o panorama completo à luz do dia), seria capaz de enxergar através da noite e, assim, proporcionar conhecimento, algo que o personagem busca ao se aventurar sozinho no gesto de escrever sua própria história.

Se *S. Bernardo* encena o ato da escrita, a contraparte desse processo, ou seja, a leitura, toma corpo em *Infância* (1945), livro memorialístico em que Graciliano, de mãos dadas com a ficção, rememora fragmentos de seus primeiros anos. Nessa obra acompanhamos o traumático embate do menino-coruja com a palavra impressa e a procura dele por seu próprio caminho como leitor, em meio a toda sorte de rapinas – familiares, escolares, religiosas etc. No caminhar do infante pelo mundo das letras, fábulas lhe são apresentadas nas páginas dos livros didáticos de autoria de Abílio César Borges, mais conhecido como barão de Macaúbas<sup>9</sup>. O futuro romancista relembra a história de uma criança vadia que, no caminho para a escola, atrasava-se a conversar com passarinhos, e recebia deles “opiniões sisudas e bons conselhos”, com a finalidade de orientar o “vagabundo no caminho do dever” (RAMOS, 1952, p. 115). Entre os casos envolvendo seres irracionais e bem falantes, rememora também a narrativa de uma moscazinha “que morava na parede de uma chaminé e voava à toa, desobedecendo às ordens maternas. Tanto voou que afinal caiu no fogo” (RAMOS, 1952, p. 115). Recorda-se ainda de um apólogo no qual um sujeito perseguido se escondia dentro de uma caverna. Para ajudá-lo, uma “aranha providencial veio estender fios à entrada do refúgio”, permitindo que o fugitivo escapasse, pois os homens no seu encaço julgavam que, “se ele estivesse ali, teria desmanchado a teia” (RAMOS, 1952, p. 117).

Diante de tais textos, o menino não julgava desarrazoado os animais falarem, se entenderem, brigarem, narrarem suas aventuras curiosas, em interação ou não com as pessoas. Imagina, por exemplo, que os sapos do açude próximo a sua casa constituíam uma sociedade em que “os fracos se queixavam, e os sapos fortes gritavam mandando” (RAMOS, 1952, p. 116): sapos negociantes, sapos vaqueiros, sapos padres, sapos policiais etc., enfim, sapos equivalentes às figuras com as

---

8 Tais atributos depreciativos associados à ave já haviam tomado corpo em um soneto publicado por Graciliano, com o pseudônimo Soeiro Lobato (1911), na revista *O Malho*, em 10 de junho de 1911. “Ei-la sempre a gritar numa voz que assemelha/ O agoureiro rumor de um rasgar de mortalha”. Depois ainda a rotularia como “a predileta filha da treva”.

9 Médico e educador baiano (1824-1891). No século XIX, teve papel de destaque na produção de livros de leitura que marcaram a história do material didático produzido no Brasil. Utilizadas depois de findos os estudos da cartilha, tais obras obtiveram enorme sucesso, confirmado por sucessivas reedições (SILVA, 2004, p. 59).

quais convivia, admitindo que seu mundo exíguo podia alargar-se um pouco, “enfeitar-se de sonhos e caraminholas” (RAMOS, 1952, p. 116). O que o narrador adulto ao revisitar-se pequeno não podia admitir era o tom professoral e pedante das narrativas, escritas na arremesada “linguagem de doutores”. Julgava o barão de Macaúbas perverso, desconectado de pássaros, insetos e crianças. Se ele nutria o intuito de elevar tais viventes ao “nível dos professores”, na verdade acabava por diminuí-los, embrutecê-los.

Tanto que aos 9 anos, quase analfabeto, Graciliano era apontado como “bruto em demasia” (RAMOS, 1952, p. 185). Mesmo após percorrer três volumes da cartilha do barão de Macaúbas, uma seleta, passar por diferentes professores e escolas, tem de recorrer a uma prima para dar continuidade à leitura de uma obra cuja decifração teve início com a ajuda de seu pai. Sentia-se ainda impossibilitado de, por si mesmo, compreender palavras difíceis, sobretudo na ordem em que elas se juntavam nas páginas. A prima o debela dessa convicção castradora, apresentando-lhe, como contraponto, os astrônomos: se eles liam o céu tão distante, por que o primo não conseguiria adivinhar a página aberta diante de seus olhos, já que conhecia as letras e sabia reuni-las para formar palavras? Frente a esse paralelo, o menino-coruja sente-se encorajado a se aventurar por conta própria pelo universo letrado. E seguiu adiante por anos a fio. Preso à terra, não desvendaria os segredos do céu, mas se sensibilizaria com narrativas tristes.

Há, portanto, nesse percurso o esboço lírico de uma pedagogia da autonomia atrelada aos atos de ler, de escrever e de viver, cujas matrizes já ganhavam forma nos anos 1920 em *Os filhos da coruja*. Ou seja, antes de seus romances, antes de seus livros de memória, dirigindo-se a um público restrito, Graciliano já procurava incutir a necessidade de uma ação libertadora fundada no juízo crítico em relação ao universo violento e excludente a seu redor. Aveso a dogmatismos, valendo-se de uma moral não moralista, sinaliza a necessidade de despir-se da vaidade e de problematizar certezas e incertezas, visando à tomada de consciência daquilo que precisaria ser superado. Mas isso só seria possível se os oprimidos se assumissem como corujas num mundo repleto de gaviões. E, enquanto tais, reconhecessem suas mazelas e lutassem pela própria liberdade, visto que, conforme bem ensina Paulo Freire (1996, p. 107), ninguém pode ser considerado sujeito da autonomia de ninguém. Portanto, às pequenas corujas, despojadas de ilusões, só restaria serem elas mesmas e levantarem seu voo ao cair do crepúsculo.

## TRANSCRIÇÃO DO TEXTO

### *Os filhos da coruja*

A comadre Coruja encontrou certo dia  
O compadre Gavião.  
Entre os dois existia uma vaga amizade,

Porque a Coruja um filho, inchando de vaidade,  
Levara à pia  
Daquele bicho fanfarrão.

---

Ao vê-lo, gritou logo:

— “Oh! meu belo compadre!  
Que magnífico está! Tão garboso e gentil!  
Que ótimas cores!  
Que motivo tão forte o traz do imenso espaço  
À terra escura e vil,  
Onde a sorte acorrenta os bichos inferiores?  
Aposto que fareja alguma festa.”

— “Não.

Vou à caça, comadre”,  
Disse, estirando uma asa, o compadre Gavião.  
“Aquilo lá por cima há muito que anda escasso.  
Uma seca geral. É pior que o Nordeste.

Não há coisa comível,  
E eu tenho — você sabe — o apetite terrível.  
Sendo a estação ingrata  
E não nos fornecendo o ar caça que preste,  
A gente vai caçar à mata.”

— “Vai à mata? Oh! meu Deus! Isto me dá cuidado.  
Eu moro aqui assim por estas bandas. Tenho  
Os rapazes em casa... e sós, longe de mim...  
Não mos coma, senhor. Você conhece-os? Não?  
É fácil conhecer. Por estes arredores

Não há outros assim.  
São pequeninos,  
Lindos como uns amores.  
É num oco de pau que eu moro, meu adorado.  
Não mos coma, valeu?”

— “Valeu, comadre. E então?  
Pois eu sou lá capaz de comer-lhe os meninos?  
Você sabe que eu venho

Como amigo.”

— “Está bem, meu compadre, obrigada.”  
— “Lindos, hein?”

— “De encantar. Meu Deus! Se você visse!  
É num oco de pau, não sei se disse.”

— “Disse.  
Pode estar descansada.  
Até mais logo. Adeus.”

— “Sim, senhor. Passe bem. Dê lembranças aos seus.”

---

O Gavião foi à mata. E os primeiros viventes  
Que por lá encontrou  
Foram três animais miudinhos, pelados,  
Feios como os pecados.  
Três bicharocos repelentes.  
Meteu, faminto, o bico agudo,  
Feriu, espicaçou, matou, estracinhos,  
Fez em pedaços tudo.

---

Homem que me escutaste  
E não vês que tua alma é pequenina e feia;  
Que imaginas, vaidoso, um fictício contraste  
Entre a beleza dela e a fealdade alheia;  
Que em vão tentas dourar a nódoa que te suja  
E buscas transformar teus vícios em virtudes:  
Como te iludes!  
A que te expões!  
— Tu és sempre coruja  
E os outros homens são gaviões.

J. Calisto  
5 – Setembro – 1923<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> A transcrição seguiu de modo estrito a pontuação empregada pelo autor. O recuo e o alinhamento dos versos procuram respeitar as escolhas de Graciliano Ramos de acordo com o manuscrito original (Acervo: Arquivo IEB/USP).

## SOBRE O AUTOR

**THIAGO MIO SALLA** é professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e autor, entre outros, de *Graciliano Ramos e a Cultura política: mediação editorial e construção do sentido* (Edusp, Fapesp), obra finalista do Jabuti e vencedora do Prêmio ABEU 2017 da Associação Brasileira das Editoras Universitárias na categoria Ciências Sociais e da Expressão.

thiagosalla@usp.br

<https://orcid.org/0000-0001-5009-5157>

## REFERÊNCIAS

- CARROLL, Lewis. *Alice: aventuras de Alice no país das maravilhas e através do espelho*. 2 ed. Edição comentada e ilustrada; ilustrações originais de John Tenniel. Rio de Janeiro: Zahar, 2013 (Clássicos Zahar).
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).
- HOFFMANN, Heinrich. *João Felpudo ou histórias divertidas com desenhos cômicos*. Tradução e apresentação Claudia Cavalcanti. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- J. N. Os filhos da coruja. *Fon Fon*, Rio de Janeiro, n. 14, 7 de abril de 1923, p. 14.
- LA FONTAINE. *Fábulas de La Fontaine*. Trad. Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989, p. 342 (Grandes Obras da Cultura Universal; II).
- LIMA, Valdemar de Souza. *Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios*. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2013.
- LOBATO, Monteiro. *Fábulas de Narizinho*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1921.
- LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.
- LOBATO, Soeiro [Graciliano Ramos]. A coruja. *O Malho*, Rio de Janeiro, n. 456, 10 de junho de 1911, p. 37.
- MELO NETO, João Cabral. Graciliano Ramos. In: MELO NETO, João Cabral. *Obras completas*. Org. de Marly de Oliveira, com assistência do autor. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- RAMOS, Graciliano. *S. Bernardo*. Rio de Janeiro: Ariel, 1934.
- RAMOS, Graciliano. *Os filhos da coruja*. Organização de Thiago Mio Salla. Pinturas de Gustavo Magalhães. São Paulo: Todavia, 2024 (Coleção Graciliano Ramos).
- ROCHA, Justiniano José da. *Coleção de fábulas imitadas de Esopo e de La Fontaine*. Rio de Janeiro: Nicoláo-Alves, 1875.
- SILVA, Márcia Cabral da. *Infância, de Graciliano Ramos: uma história da formação do leitor no Brasil*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas, 2004.